

**UNIVERSIDADE E ESCOLA:
UMA PARCERIA (AINDA) INCOMPLETA**

Natália Cristina Martins de Sá (UEL)

RESUMO: Este trabalho visa explorar as relações estabelecidas entre escola e universidade, configurando-se ou não como uma parceria no momento do estágio obrigatório dos professores em formação. Abordando aspectos pertinentes às maiores dificuldades enfrentadas no estágio de docência – a relação entre teoria e prática; a realidade do colégio em contraponto à universidade; a realidade dos professores regentes e das aulas ministradas por eles; a realidade de uma turma diferindo de outras e a realidade de cada aluno em particular –, será ilustrado como estes desafios realizam aproximação ou distanciação entre universidade e escola. A partir destas relações de proximidade e distância, pretende-se explanar em que níveis ocorre a parceria entre universidade e escola e quais as dificuldades que ainda precisam ser superadas para que esta parceria seja atingida com maior plenitude.

PALAVRAS-CHAVE: estágio; parceria; universidade; escola.

O estágio é cada vez mais visto como importante para a formação de profissionais de todas as áreas. Na docência não é diferente, e, visto que é o primeiro contato do professor em formação com a experiência de lecionar (e provavelmente o único que terá até o fim de seu curso de licenciatura), é necessário que seja uma prática realmente significativa e importante para a formação dos professores.

o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. (PIMENTA e LIMA, 2005, p. 6)

Muito se questiona, porém, sobre a realidade desta supracitada interação. A parceria entre universidade e escola, que garante esta interação, traz muitos desafios: a realidade de uma escola é sempre diferente da realidade de outra e ambas diferem da realidade da universidade. Há sempre algumas lacunas a serem preenchidas entre o que o professor em formação aprende e o que ele pode pôr em prática – e o principal desafio é sobre como adequar este aprendizado teórico à realidade da escola e dos alunos (já que em uma mesma

escola e até mesmo em uma mesma série, a realidade de cada turma – e de cada educando – é diferente). A parceria entre universidade e escola é, neste momento, essencial para a realização de um bom estágio, para que a formação destes professores passe pelo conhecimento da realidade da escola e de como pôr em prática seu conhecimento teórico no momento de lecionar.

No aspecto pertinente a pôr em prática o aprendizado teórico que o professor em formação recebeu na universidade, a dissociação rigorosa entre teoria e prática forma uma barreira à parceria entre universidade e escola. Inevitavelmente, teoria e prática precisam ser dissociadas – o conhecimento teórico precisa de estudo, espaço e maturação para possibilitar práticas pautadas nele. Quando, porém, a universidade torna-se espaço apenas de aprender teoria e a escola apenas espaço de prática, não há diálogo – muito menos parceria -, e a teoria torna-se mera apreensão de conceitos; enquanto a prática torna-se mera tentativa de reproduzir modelos escolares sem reflexão, inovação e estudo. Pimenta e Lima observam que: “A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a necessidade de se explicitar por que o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática).” (PIMENTA E LIMA, 2005, p. 11)

Unir, portanto, teoria e prática, é um dos primeiros desafios ao estágio e à parceria entre universidade e escola, permitindo que não haja um espaço com apenas teoria e outro apenas com prática, mas dois espaços em que ambos se entremeiem e complementem um ao outro – a teoria servindo para suscitar a prática; e a prática pautada na teoria, confirmando-a.

Outro desafio que impede a completa parceria entre universidade e escola é a própria realidade da escola – dos professores, das turmas, da direção e da coordenação pedagógica do colégio.

Como provocado pelo professor Vladimir Moreira:

Aprofundando um pouco mais esse contraponto entre Universidade e escola, surgem relações análogas que precisam ser analisadas, visto que, dependendo do viés, os questionamentos são também diferentes. Temos então as relações entre estagiário e professor da turma, professor da turma e estagiário, estagiário e escola, escola (direção ou coordenação pedagógica) e estagiário, estagiário e aluno, aluno e estagiário. (MOREIRA, 2017, p. 54.)

Na universidade é sugerida aos professores em formação a tentativa de inovação, da quebra dos modelos tradicionais de ensino buscando estratégias dialógicas e interacionistas, “cujo objetivo essencial é “aprender a aprender”, o que demanda ação do sujeito que aprende, produzindo saberes e conhecimentos sobre sua própria realidade [...]” (GERALDI, 1996, p. 73). Ao chegar à escola, porém, muitas vezes, tanto a realidade do colégio (no que diz respeito à direção e coordenação pedagógica) quanto dos professores regentes de sala que receberão os estagiários é de conservadorismo aos modelos tradicionais de ensino, pautadas na aula expositiva, imitação e repetição. Há, em muitos casos, resistência de professores regentes a um modelo de aula que não seja aquele que comumente é aplicado por eles, e o estagiário, como subordinado ao professor regente, por vezes acaba precisando render-se ao modelo de aula imposto por este professor – impedindo que a escola seja estabelecida como campo propício à união de teoria e prática pelo estagiário, onde ele poderia aplicar aquilo que estuda e que lhe é proposto na universidade.

Em outros casos, ainda, o modelo de aula tradicional está tão internalizado na concepção escolar dos alunos que isso também dificulta a interação – e consequente parceria – entre escola e universidade. Em uma de minhas experiências de estágio, que realizei em dupla com minha colega de turma, Patrícia, a professora regente da turma seguia um modelo tradicional de aula expositiva. Ela não se opôs, porém, à nossa tentativa de ministrar aulas interativas, nos auxiliou e nos deixou livres para regê-las como julgássemos adequado – desde que cumprindo o plano de conteúdo estabelecido. Ao longo de todo o estágio, então, eu e minha dupla tentamos ministrar aulas interativas, provocando os alunos a desenvolverem o conhecimento ao invés de simplesmente absorverem informações que passássemos. Tivemos uma boa resposta dos alunos, que se mostraram dispostos a interagir e ansiosos por participar das aulas; contudo, encontramos dificuldades ao manter a disciplina da turma durante os diálogos em nossas aulas. Os estudantes, acostumados ao modelo tradicional, demoraram a encaixar uma aula dialógica em seu conceito de aula, construído ao longo da vida escolar – o antigo conceito de que aula seria apenas o professor falando e os alunos ouvindo e copiando matéria do quadro. Isso foi muito bem ilustrado em um episódio que ocorreu em uma de nossas aulas: enquanto minha colega ministrava a aula, tentando dialogar com os alunos, eles falavam todos ao mesmo tempo – todos querendo participar, porém sem respeitar os

momentos uns dos outros -, e, tão logo ela finalizou este momento e virou-se para a lousa para escrever anotações que julgávamos necessários que os alunos copiassem, os estudantes, que até então estavam agitados, pararam de conversar, pegaram seus cadernos e começaram a copiar. Enquanto a aula fugia do modelo tradicional, portanto, buscando o diálogo, eles não souberam se comportar, falando todos ao mesmo tempo. Quando, porém, a postura de minha dupla tornou-se a postura que eles esperariam de uma professora tradicional, eles compreenderam que era hora de fazer silêncio (pois, enfim, o que eles conheciam como aula acabara de começar) – como se até então não tivesse sido aula, já que a eles não era permitido o diálogo e a conversa durante momentos de aprendizagem, e, portanto, quando tinham espaço para isso, a não compreendiam como tal, já que diferia de seus conceitos internalizados do que seria uma aula e não sabiam como lidar com esta experiência diferente, resultando em uma tentativa de falarem todos ao mesmo tempo, na sede da participação e no desconhecimento daquele tipo de estímulo à aprendizagem.

Essa concepção de aula por alguns professores e principalmente pelo sistema escolar como um momento sem abertura ao diálogo e interação permite que os alunos desenvolvam, portanto, este comportamento de estranhamento a todo tipo de aula que foge a este modelo e não a assumam como aula de fato – e é outro ponto que dificulta a parceria entre escola e universidade, já que a universidade, indo na contramão do modelo tradicional, busca mediar o ensino pautado na interação.

Todas estas dificuldades na parceria entre escola e universidade, provam, entretanto, justamente a existência desta parceria. Afirmar que não existe parceria entre escola e universidade seria o equivalente a invalidar os estágios e todos os outros trabalhos que vêm sendo feito pela universidade em ensino e extensão – e, conseqüentemente, em pesquisas voltadas a estas áreas. Se não houvesse parceria, estes trabalhos não estariam sendo realizados. Há, porém, muitos desafios ainda a serem superados – e até mesmo a existência destes desafios prova a parceria entre escola e universidade, pois não haveria desafio em algo inexistente. A parceria entre escola e universidade se estabelece com dificuldades. Não há parceria plena. Há realidades a serem estudadas. Há adaptações a diversas realidades diferentes. Há uma capacidade de resiliência a ser desenvolvida (tanto pela equipe pedagógica da escola, quanto pelo professor regente e pelo professor em formação). Há um longo

caminho a ser percorrido em busca de uma maior plenitude desta parceria e do diálogo almejado entre universidade e escola – dois campos de desenvolvimento de conhecimento, tão próximos e que por vezes parecem distantes. Há problemas. Porém, não haveria problemas se não houvesse diálogo algum. Há, sim, parceria entre escola e universidade. Uma parceria que precisa de atenção e precisa ser mais bem trabalhada – mas, se precisa ser trabalhada, precisa porque existe e ganha cada vez mais espaço nas discussões sobre formação de professores. Uma parceria ainda incompleta – porém em contínua construção.

REFERÊNCIAS:

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

MELO, M. T. L. O chão da escola: Construção e afirmação da identidade. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 3, n. 5, p. 391-397, jul./dez. 2009. Disponível em <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/31/191>.

MOREIRA, Vladimir. Texto de provocação à mesa redonda “universidade e escola: uma parceria?”. In: ESTAGIAR – ENCONTRO DO ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., Londrina. **Anais...** Universidade Estadual de Londrina, v. 1, n. 1, p. 52-55, 2017.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>.